

NARRADORES DE JAVÉ E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: A NÃO ESCRITURA DO DOSSIÊ

RAFAEL DA SILVA ALVES¹; REGINA ZAUK LEIVAS²

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense - rafa.silvalves@gmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – reginazauk@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está sendo realizado como requisito para a conclusão de curso de especialização *lato sensu* em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul). Buscou-se indagar sobre as dinâmicas da memória e de como elas participam do processo de construção do conhecimento de e em História. Analisamos o filme “Narradores de Javé” (Eliane caffé, 2003). A cidade de Javé, prestes a ser inundada pela construção de uma represa, necessita comprovar através do resgate da memória oral seu valor histórico e patrimonial a fim de tombá-la como patrimônio histórico e, conseqüentemente, deter o processo de inundação. O único cidadão que sabe escrever é designado para a complexa tarefa de transformar em história escrita acontecimentos que nunca haviam sido registrados no papel, por meio da escuta de testemunhos orais. As inúmeras versões sobre um mesmo fato expõem a vulnerabilidade de uma “verdade única” para os fatos históricos, e além disso, nos coloca diante de toda a complexidade de construir um discurso que abarque a riqueza dessas histórias. Ao fim da obra fílmica, a despeito do enorme esforço despendido, nenhuma linha sequer é escrita do dossiê e as águas tomam conta do vilarejo. Tendo em vista a frustração do intento, nos propusemos a analisar os motivos que levaram a não escritura do dossiê.

2. METODOLOGIA

Trabalhamos com “análise textual fílmica” num processo que intimou o acréscimo de autores como Michael Pollak (1992a; 1992b) que entende a memória como um fenômeno construído, já que é organizada a partir das preocupações pessoais e políticas num dado momento, podendo ser uma construção que se dá tanto de forma consciente quanto inconsciente, individual e coletivamente. Nesse contexto a memória torna-se um campo de incessantes disputas políticas em torno do que será trazido à tona do passado de um grupo. Utilizamos estudos do filósofo Michel Foucault (2005, 2012), para compreender como se dá a produção de um saber e suas relações com o poder, e ainda, que analisam os mecanismos que controlam o discurso, num processo de rarefação dos sujeitos que falam já que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2012, p. 35).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chegamos aos seguintes resultados sobre os fatores que levaram a não escritura do dossiê:

- a) A necessidade de produzir uma história escrita sobre o vilarejo acentuou as disputas em torno das memórias a serem escritas no dossiê. Destarte, cada

- indivíduo passou a reivindicar seu lugar na memória de Javé, fato que dificultou o estabelecimento de um consenso.
- b) Apesar do escrivão ter sido designado para escrever o livro sobre a história de Javé, seu discurso não é devidamente autorizado a ponto que ele pudesse produzir um trabalho que fosse aceito diante dos mecanismos de controle do discurso já que foi investido dessa atribuição de uma maneira extremamente frágil.
 - c) A complexidade existente em transformar cada uma das versões, com suas particularidades e riquezas de detalhes, num discurso único que, ao mesmo tempo, fosse capaz de contemplar cada uma delas dificultou a confecção do dossiê. Como disse o próprio escrivão em uma carta escrita aos moradores de Javé, explicando os motivos do dossiê não ter sido escrito: “Quanto às histórias, é melhor que fiquem na boca do povo, porque no papel, não há mão que lhes dê razão” (ABREU e CAFFÉ, 2004, p. 158). Uma escrita que tivesse como pressuposto atingir uma “verdade” dos fatos objetivamente, traria inúmeros inconvenientes, já que apagaria as tensões, unificaria um discurso manifestamente plural; relegando detalhes, perspectivas e personagens ao esquecimento.

4. CONCLUSÕES

Como conclusões provisórias deste trabalho - já que o mesmo não foi concluído ainda -, podemos destacar a importância da reflexão que o filme proporciona sobre os processos que envolvem a produção do conhecimento histórico. Nesse sentido, a produção deste, é condicionada pelos mecanismos de rarefação do discurso, ou seja, mecanismos que controlam quais discursos serão aceitos e quais serão rejeitados. Além disso, destacamos a enorme dificuldade existente em transformar a memória e a oralidade em uma história escrita que atenda determinados padrões de objetividade e aceitabilidade sem correr o risco de se fazer uma história estéril, no sentido de apagar o humano e o vivido, ignorando a pluralidade e a complexidade que existe no acontecimento e no fazer histórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. A.; CAFFÉ, E. **Narradores de Javé: roteiro** – 17ª versão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Microfísica do Poder** [Trad. Roberto Machado]. São Paulo: Editora Graal, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992, p. 3-15.

_____. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.